



# Carlos Lessa - Palestra inaugural da Sociedade dos Economistas Mortos

## Introdução do Editor – Raphael Padula

Em 2002, no primeiro número da revista Oikos, foi publicada a transcrição de uma palestra proferida em 2001 pelo Professor Carlos Lessa. Tal apresentação foi feita a convite dos alunos de graduação do IE/UFRJ, que na ocasião criavam a chamada Sociedade dos Economistas Mortos, destinada a leituras críticas de autores e do ensino em economia, que desapareceu, mas resultou na criação da revista que já completa dezoito anos. Cerca de 300 pessoas lotavam o auditório Pedro Calmon, que mal as comportava, para ouvir às falas dos professores Carlos Lessa, Ricardo Tolipan e José Ricardo Tauile. Nada diferente das aulas de Formação Econômica do Brasil, lotadas por estudantes transbordando as salas da graduação do Instituto de Economia da UFRJ para ver a cada aula um espetáculo erudito proferido por um professor entusiasmado. Transcrevemos aqui novamente a fala do professor Carlos Lessa, como forma de uma homenagem singela diante de toda contribuição que ele deu para se pensar o Brasil e em particular para a Oikos. Ele foi um grande apoiador como professor, Decano e Reitor. Tanto com participações e incentivos diretos, quanto de forma indireta, através da inspiração e formação de professores que fazem ou fizeram parte do quadro editorial da revista, ou que vieram a publicar seus artigos ao longo dos anos.

A curta fala editada de Lessa a seguir, mostra sua essência como pensador, professor, operador e formulador de políticas, e obviamente como brasileiro. Erudição, paciência didática, entusiasmo, sempre presentes. Ao falar para estudantes de economia, destaca-se um olhar interdisciplinar que desconfia dos dogmas e procura sempre ver a economia de forma articulada a questões geopolíticas, históricas e sociais, mas sobretudo uma visão compromissada com o espírito público e com o Brasil. Lessa chama a atenção para a historicidade das construções intelectuais, rechaçando os manuais e observando como as visões de autores não são neutras. Ainda, observa que a economia política não é neutra e que o formulador e operador de política econômica sempre serve a alguém, mas os ortodoxos buscam se esconder atrás de dogmas, dando um caráter autoritário às suas escolhas. É possível afirmar que Lessa deixa claro seu compromisso com uma política econômica baseada no que acredita e no desenvolvimento do Brasil, ao qual sempre serviu, inclusive no período posterior a esta palestra, na sua gestão do BNDES, quando combateu formuladores de política econômica compromissados com dogmas e “forças do mercado”.

## CARLOS LESSA

Em torno de discussões comuns. Eu realmente estou satisfeito. Estou extremamente satisfeito com a quantidade de colegas que aqui estão. Acho que esse é um dado extremamente positivo. Eu queria dizer o seguinte: eu acho que inicialmente os economistas funcionaram

dentro da linha do chamado epístemo, quer dizer, qual era a posição do epístemo? A posição do epístemo era de que cabia ao espírito humano observar o que ocorria no externo – o que lhes era exterior – e a partir dessa observação cabia a eles, pela potencialidade, pela argúcia do espírito, desvelar a natureza das coisas. Assim se comportaram os economistas fundadores da economia política. Procurando, observando o econômico, identificar o que para eles seriam as leis fundamentais da produção e reprodução das coisas. O denominador comum que une Adam Smith à Marx e percorre inclusive os heréticos, os analistas, os historicistas, etc., é que todos estavam voltados a uma macro questão. A macro questão é a seguinte: o homem não é Robinson Crusoe. O homem está organizado em focos sociais, e as sociedades humanas desenvolveram modos pelos quais produzem e repartem entre seus membros as coisas produzidas. Quais são as leis que organizam a produção e a repartição? Esse é o objeto da economia política, e era um objeto cognitivo que inspirava uma posição que eu diria epistemológica. Na posição epistemológica, o sábio pensa e desvela, pela força do seu saber.

Essa posição põe o economista imediatamente ante a história. Porque o fato de pensar as leis sociais da produção e repartição fica absolutamente claro que elas não são universais nem são atemporais. É evidente que no neolítico inferior o homem organizou a produção e repartição de forma inteiramente independente que a sociedade já industrial. E, por conseguinte, a ideia da lei tem necessariamente uma demarcação de natureza histórica. E as contestações que fizeram o debate que aconteceu entre os economistas políticos, foram capazes de identificar também, com uma razoável precisão, que as leis tinham também vigência geopolítica (...). Este é o sentido, por exemplo, da escola historicista.

Da mesma forma perguntar pelas leis cabia, por conseguinte, a ideia do espaço. Quer dizer, a proximidade então com a história transportava o economista político também à uma proximidade com a geografia. Se eu tivesse que escolher um autor para ler hoje – que teria, vamos dizer assim, partido nas fronteiras da grande discussão dos economistas políticos –, eu escolheria o Braudel. Um historiador, um economista político e um geógrafo. E quem trabalha com as três dimensões ao mesmo tempo.

Bem, a verdade é que essa grande discussão dos economistas políticos foi sendo deslocada no século XIX pela busca de um determinado rigor mais geral da ciência. A posição do epístemo foi sendo invejada pelo engenheiro. Qual era a ideia? A ideia é de que não era apenas conhecer mas era também fazer. O paradigma veio com a química orgânica que fez a síntese da ureia e dissolveu a ideia do princípio vital dos produtos orgânicos. Vocês sabem que depois o homem desvelou a barreira dos elementos, quando com a física atômica pode imaginar e depois fazer elementos que não estão presentes no mundo natural. E, bom, agora, se o Genoma der certo, nós vamos conseguir fazer com o DNA, etc. Você penetrou, na vida. Fazer... bem, mas o epístemo não faz. O epístemo pode desvelar e até sonhar. Pode até construir utopias.

Muitos dos autores dos tempos da economia política construíram sociedades ideais. Aliás, essa ideia de construir a sociedade ideal é muito anterior aos economistas, os primeiros grandes utópicos do mundo não foram economistas. Foram aqueles que, sabendo que existia um novo mundo, viam no velho mundo defeitos e construíram sociedades ideais. Eu estou pensando em Thomas Moore, Campanella...

Mas a verdade é que economistas construíram utopias, de certa maneira. Não vou nem falar dos socialistas que explicitamente se propuseram à isso, né? Tinha até a corrente dos chamados socialistas dos falanstérios, Owen Fourier, etc. Não, eu estou dizendo que sim, podiam sonhar com

utopias, podiam desenhar utopias, podiam desenhar sociedades ideais... mas não era disso que se tratava. A engenharia supunha que o espírito humano, tendo penetrado nas leis que organizavam os fenômenos, podia com esse conhecimento transformar o que lhe era exterior. Ou seja, eu estou fazendo uma caricatura muito simplificada, mas para o engenheiro existe o sujeito, existe a natureza, que é o objeto; e a ação do engenheiro penetra na natureza e a transforma. Quer fazendo uma estrada, quer organizando a produção, quer fazendo uma nova síntese da química.

E o economista, o cientista social não podia fazer o mesmo. Então, como fazer o mesmo? Construindo uma ciência que fosse descontaminada da história. Pra descontaminar a ciência econômica da história era necessário encontrar uma categoria que fosse absolutamente universal e a-histórica. O raro, mas o raro existe para o neolítico inferior, o Ianomani acha coisas raras. (...) a raridade, o que é que a raridade permitiu aos economistas? Permitiu aos economistas deslocarem a economia política para ciência econômica. Você podia construir proposições absolutamente universais, em que num alto nível de abstração, uma determinada variável seria dependente e a outra variável independente. Então é quase um orgasmo dizer que a quantidade de A depende do preço de A. Pronto, está construída uma relação direcional, limpa, límpida, operada com tanto rigor como um algoritmo, e está descontaminada da história. Com isso o economista se sentiu o quê? Se sentiu rigorosamente (...) alguém que havia conseguido chegar à ciência. É claro que ele não percebe que esse movimento que ele faz é de descomprometer em relação a quê? Algumas variáveis tipo tempo, lugar, sociedade, etc. Aliás, a Joan Robinson, que é uma economista extremamente inteligente, diz que os economistas são um tipo de raça muito especial e para ilustrar contou uma piada, que é uma piada muito curiosa:

Num determinado porto da Inglaterra encosta um navio, um equipamento que pesa, vamos dizer, 100 toneladas, e o maior guindaste do porto era capaz de operar cargas de até 80 toneladas. E se arma um alvoroço porque fica o navio parado no porto, a empresa montadora começando a perder prazo, o transportador esperando receber a carga, o navio perdendo frete porque não está se movendo. Situação terrível. Até que alguém diz: – Mas nessa cidade mora fulano de tal que é prêmio Nobel de economia. É um gênio, deve nos ajudar. Trouxeram o cara lá. O cara sentou, escutou a situação e disse: – Bem, não vamos ficar nervosos. Vamos resolver o problema por abstrações, por aproximações sucessivas, porque aí nós encontraremos uma solução e a qualificaremos. Então vamos começar fazendo o seguinte. Vamos abstrair o peso da carga ... que é rigorosamente a posição da ciência econômica (...).

Quer dizer, vamos esquecer o espaço, esquecer o lugar, esqueceremos sujeito e objeto, esquecer os corpos sociais, esquecer as estruturas de interesses, e, abstraindo o peso da carga, ou seja, abstraindo tudo isto, vamos construir ciência... bem, é uma cultura... essa cultura se confronta com uma sucessão de crises econômicas, crises históricas com uma projeção histórica inelutável. Ou seja, acelerações de preços, desorganização da produção, contrações de produção, emprego, hiper emprego, desemprego, desvalorização de moeda, quebra de riqueza, então essa ciência tem que ter margem operatória. Essa operatória coloca toda spotlight, isto é, no primeiro plano, a macroeconomia e a ideia de política econômica. Então você converte o economista, ele deixa de ser o homem da ciência marshalliana, ele passa a ser o homem da política econômica.

E o homem da política econômica tem que ter o quê? Modelos que, simplificada, descrevam o funcionamento de uma determinada sociedade, definir quais são os seus graus de liberdade, quais são as variáveis que podem ser objeto de decisão, e tentar produzir resultados. Aí o economista

começa a ser modelista, modelizador. Você começa a construir caixas de modelos, a famosa caixa de instrumentos teóricos. E o economista é mais ou menos como um carpinteiro, que se desloca para qualquer obra, levando as suas ferramentas. Usa suas ferramentas e consegue fazer, ou não, a obra. Se é bom economista a obra é bem feita, se é mal economista a obra é mal feita. Esse é o economista convertido em operador. Eu diria a vocês que Keynes leva a ideia do economista operador à seu pináculo, e os keynesianos subsequentes constroem essa posição no pináculo.

Qual é o problema? O problema da política econômica é que a política econômica tem um problema muito sério, que é o seguinte: se ela serve ao príncipe, se ela serve às sociedades num determinado momento, enfrentando a inflação ou enfrentando o desemprego, recuperando ou não, e serve também para aqueles que não tem algo: promover o desenvolvimento industrial, promover a agricultura, realizar distribuição de renda, concentração de renda, especulação para A, especulação para B... bem, é muito claro que o economista operador de política econômica, opera sempre e necessariamente... para alguém, à serviço de alguém. Não há política econômica universal. Há ganhadores e perdedores. Há ganhadores mais e ganhadores menos. Há orientações históricas e outras não. Há tudo, há conservação, há transformação.

O operador de política econômica necessariamente está à serviço de alguém e servindo para alguma coisa. Ele não pode ser Pôncio Pilatos. Ele não pode limpar as mãos. Ele suja as mãos, (...) e mais do que isso, mostra claramente o comprometimento ideológico e sócio-político do economista, como a pessoa preferencial do príncipe.

Nós substituímos os advogados e os juristas junto ao príncipe. Apesar de todas as porcas de política econômica, os economistas não perdem prestígio. Um economista é jogado fora da cadeira. Outro senta a bunda no mesmo lugar. Não ocorre a ninguém trocar. Essa sucessão desses garotos no Banco Central? Não é isso? Cada vez com idade menor.

Muito bem, qual é a desgraça do operador de política econômica? É que essa história de estar à serviço de alguém e fazendo algo para alguém, o joga de maneira intrínseca, inerente, dentro do jogo político-social. Ele não pode mais se defender, ele perde a virgindade. Ele perde a versatilidade. Ele se contamina com esse processo. Então é preciso restaurar a ciência como saber absoluto. Esse é o movimento neoliberal. É o *mainstream* atual. Você busca de novo o quê? Tentar construir a... eu estou pegando só o movimento central... você procura reconstruir a ideia da ciência.

Você procura na verdade esconder. Esconder o fato muito simples, de que o exercício profissional do economista hoje é um exercício necessariamente autoritário. Claro, escuta: o 'perde e ganha', as pessoas perdem emprego ou ganham emprego. Os patrimônios crescem ou se depreciam. A economia prospera ou entra em crise dependendo do que se faça com variáveis tipo: câmbio, juros, expectativas com respeito à câmbio, expectativas com respeito à juros, salários. Os operadores desses preços centrais, principalmente aqueles diretamente ligados à esfera monetária e financeira, não consultam o público. Aliás, se, ao fazer uma desvalorização, você consultar o público ela já acontecerá, fora do seu controle.

O segredo é essencial ao exercício da profissão. Mas é um segredo que pode produzir o quê? Qualquer coisa. Do juiz Nicolau, do banco FonteCindam, ao Francisco Lopes num processo, em casa. Pode produzir o quê? Bruscas recessões. As pessoas acordam com um patrimônio, dormem com um patrimônio, acordam no dia seguinte com o patrimônio pela metade. Uma empresa que era próspera quebra, outra que ia quebrar prospera. O pai de família que tinha emprego perde o emprego. O filho que esperava ser tal coisa vai ser outra, completamente diferente.

Quem é o senhor dos destinos das pessoas? O operador? Do Banco Central? Os meninos do Banco Central? (...).

Não, vocês tão rindo mas o que eu estou falando é de uma seriedade completa, total e absoluta. O economista é ... profissionalmente, parceiro do autoritário. Por isso a ideia da governabilidade que o executivo hoje maneja, e que vai contra a excessiva liberdade do judiciário e do Congresso. Imaginem um Malanzinho com o Congresso fechado e sem Justiça. Já tinha produzido o ajuste em condições muito mais rápidas. Muito pai de família se defendeu aí com correções que a Justiça concedeu. Hoje mesmo, a Justiça concedeu: o programa de estabilização. Você acha que isso botou o Malan satisfeito? Deve tá furioso. Só isso representa, pelo menos, 110 bilhões adicionais. Volta e meia, o discurso aí do Fernandinho [Presidente Fernando Henrique]: precisamos – criticando a política, como exercício de franquia. Por quê? Porque a essência disso tudo é muito autoritária.

Isso gera uma arrogância enorme. Porque imagine-se como senhor do patrimônio, do emprego e do destino das pessoas em função de decisões que você toma sozinho ou com mais sete ou oito iguais feitos à sua imagem e semelhança. Por definição você não pode consultar quarenta. Nem o presidente do Bradesco. Se você consultar qualquer um dá escândalo tipo FondeCindam. Não é? Ou estou errado?

Mas esse é o economista operando no concreto. Ele opera porque ele é o iluminado, porque tem o saber absoluto. Ele tem uma ciência tão perfeita, tão impecável que pode ser operador. Entendeu? Os dois últimos Prêmios Nobeis por operações especulativas, produziram a queda do maior fundo americano. Não é verdade? Eu estou falando da precariedade do nosso saber... claro... e não o intervencionismo americano foi segurar.

Mas, enfim, vocês estão estudando economia e por aqui eu vou chegando ao final, que é o seguinte... Bom, quem tiver propensão a ser autoritário escolheu a profissão certa. Não há dúvida, quem tiver propensão à arrogância, também escolheu a profissão certa. E quem tiver propensão a enriquecer também escolheu o caminho mais rápido. Eu tenho ex-alunos meus que já são donos de patrimônios superiores a cem milhões de dólares. Impressionante, não? Não, o meu ensinamento não serviu para nada. Eles aprenderam com outros, apenas passaram por mim.

Agora, se vocês ao invés disso quiserem ser uma coisa muito simples e modesta, ao qual eu dou hoje uma importância gigantesca que é ser brasileiro... entender o Brasil. Entender como é que estão, que sociedade que vivem, como é que está organizada a produção e repartição das coisas no Brasil. Como é que estamos no mundo. Qual é a moldura geopolítica que nos encaderna. Quais os graus de liberdade do nosso destino como sociedade coletiva. O que das tendências mundiais amplia nossas possibilidades e o que nos ameaça. Bom, para isso o exercício da reflexão sobre o objeto econômico é um exercício importantíssimo. É talvez um exercício que, pelo menos eu suspeito, eu acho que é um exercício que abre janelas maiores.

Agora, para isso vocês tem que assumir uma postura anti-dogmática em relação ao saber. Eu só conheço uma maneira de assumir uma postura anti-dogmática em relação ao saber. Primeiro: estar aberto à toda e qualquer experiência cognitiva. Em princípio, não assumir aquela posição boba de que a gente convida... garotinho da gente faz isso muito. Filho, neto... “Escuta, quer comer isso?” “Não. Não gosto”. “Já provou?” “Não”. Bom, eu sou um liberal, nunca aceitei que filho meu dissesse isso para mim. Se não provou, vai provar. Depois ele vai dizer se gosta ou se não gosta. Mas provar tem que provar. Até o fruto proibido... (risos da plateia) tem limites, tem limites, tem limites.

Segunda postura: entender o conhecimento como um processo produzido, ou seja, assumir em relação ao conhecimento, assumir em relação ao fraco saber do economista, assumir em relação às nossas limitações, a postura de perceber isso como o produto de um processo pelo qual esse conhecimento foi sendo construído. Processo em que houve avanço, retrocesso, conflito, superação, perspectivas que foram canceladas, que foram colocadas sob suspeita. Que depois foram recuperadas. Entender que a marcha do saber do economista é uma marcha intrincada no processo histórico. Isso não retira do saber do economista suas dimensões essenciais. Porém, nos permite não nos alienarmos em relação ao conhecimento. Lembre-se que o conceito de alienação é muito a ideia de que o homem faz as coisas e depois as coisas dominam o homem.

Mas veja bem. Esse processo, é um processo que hoje está pedagogicamente cristalizado. Eu por exemplo tenho horror a manual; eu tenho horror absoluto a manual. Por quê? O manual é uma tragédia, por que o que o manual faz é uma espécie de balanço num dado momento do saber considerado, por alguma instância que não está explícita, do saber como sagrado. E ele faz o seguinte: ele faz tábua rasa de todo o processo doloroso, angustiado, precário, sofrido, pelo qual aquele saber foi construído. Chapa o saber! Se você absorver o manual, reconstruir o processo de informação do manual, você supera o manual. Mas se você ficar só com o manual, você vai ser um burro ilustre ... um idiota que repete a página do manual.

Bom, e o sistema hoje tá muito voltado a ideia do manual. Eu gosto da linha de ensino das antigas universidades europeias, que era a linha de mostrar o conhecimento enquanto sendo produzido. Só que isso exige algumas das coisas que eu gostaria de ver aqui acontecer. Uma delas é aumentar o tempo de permanência de vocês aqui de quatro para cinco anos. Eu gostaria de aumentar o tempo de permanência de vocês. E eu gostaria de incluir na formação de vocês, seminários, que forçassem vocês a ler e resenhar. Ler subversivamente um monte de economistas mortos. Não os manuais. Mas ler os textos dos autores. Perceberem, na própria angústia com que estes textos foram construídos, a historicidade daquele pensamento. Por exemplo: eu não quero que ninguém me diga alguma coisa que o Marshall falou num manual. Isso me coloca extremamente irritado. Mas se alguém pegar e ler Marshall no original, vai descobrir que o Marshall no original é muito mais inteligente do que os idiotas que o manualizaram. O Adam Smith é muito mais encantador do que nos intérpretes de Adam Smith. Mas para isso vocês precisam de tempo.

Então, umas das boas recomendações da Sociedade dos Economistas Mortos, é que vocês passem a se reunir, em algum buraco escuro que exista aqui, não sei... adotando regras mais brasileiras... o quiosque do professor [Tauile] pode ser usado... e façam seminários, vocês mesmos lendo os autores clássicos. Da mesma maneira que, por exemplo, eu também acho que para conhecer Brasil, nós deveríamos fazer obrigatório aqui vocês lerem todos os grandes brasileiros que pensaram o Brasil. Eu acho indigno, inadmissível que vocês se graduem em economia sem vocês terem lido Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, etc, etc, etc.

Bom eu termino por aqui, meus colegas vão avançar, mas o que eu quero dizer é o seguinte. Eu quero felicitar vocês pela ideia, correto? Eu acho que na verdade o simples fato de vocês estarem aqui prova que os economistas em formação dessa faculdade não estão mortos ainda.